

Título do original
The Collected Papers of Charles Sanders Peirce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peirce, Charles Sanders, 1839-1914.
Semiótica / Charles Sanders Peirce ; [tradução
José Teixeira Coelho Neto]. — 4 ed. — São Paulo :
Perspectiva, 2008. — (Estudos ; 46 / dirigida
por J. Guinsburg)

Título original: The collected papers.
ISBN 978-85-273-0194-7

1. Ciência - Filosofia 2. Lógica 3. Pragmatismo
4. Semântica (Filosofia) 5. Semiótica I. Guinsburg, J.
II. Título. III. Série.

05-4904

CDD-149.94

Índices para catálogo sistemático:
1. Semiótica : Filosofia 149.94

4ª edição

Direitos reservados em língua portuguesa à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401-000 – São Paulo – SP – Brasil
Telefax: (0--11) 3885-8388
www.editoraperspectiva.com.br

2008

Sumário

NOTA DO TRADUTOR XI

PARTE I

A. DE PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA

1. ESPÉCIES DE RACIOCÍNIO 5
2. TRÍADES 9
 1. *A tríade no raciocínio* 9
 2. *A tríade na metafísica* 12
 3. *A tríade na psicologia* 13

B. DE ELEMENTOS DE LÓGICA

1. SINOPSE PARCIAL DE UMA PROPOSTA PARA UM
TRABALHO SOBRE LÓGICA 21
 1. *Originalidade, obsistência e transuasão* 21
 2. *Termos, proposições e argumentos* 29
 3. *Clareza de idéias* 32
 4. *Abdução, Dedução e Indução* 32
 5. *Retórica especulativa* 35
2. A ÉTICA DA TERMINOLOGIA 39
3. DIVISÃO DOS SIGNOS 45
 1. *Fundamento, objeto e interpretante* 45
 2. *Os signos e seus objetos* 46

1. Sinopse Parcial de uma Proposta para um Trabalho sobre Lógica^a

TRANSUASÃO

1. ORIGINALIDADE, OBSISTÊNCIA E

79. A principal utilidade deste capítulo é dar, ao leitor, uma idéia do que deverá ser este livro ^b. Pode-se perceber que sua concepção é incomum. Encontramo-nos no vestibulo do labirinto. Sim, o Labirinto no Vestibulo apenas, porém, já nesse tremendo e singular Labirinto. Treze portas, ainda não abertas, estão à nossa frente. Escolhemos a mais estreita, a menos importante, a mais raramente aberta de todas...

80. O fato de um leitor deliberadamente procurar instruir-se num tratado de lógica é a prova de que ele já fez algumas observações e reflexões, e de que já adquiriu certas concepções. Proponho-me, de início, a convidar o leitor a considerar mais uma vez, talvez de um modo um pouco mais cuidadoso do que ele o fez até aqui, estas Idéias Pré-Lógicas, a fim de ver como têm elas suas raízes solidamente implantadas, e a fim de, talvez, desenvolvê-las um pouco mais e penetrar em sua significação real, tão profundamente quanto seja possível fazê-lo nesta etapa da investigação.

81. Alguns matemáticos, importantes pelos êxitos que obtiveram em sua ciência, e que atentaram de modo particular para a filosofia dessa mesma ciência, consideram a Matemática como um ramo da Lógica^c. Isto merece bem a atenção porque se poderia sustentar, com muita justiça, que a matemática é quase a única, senão a única ciência que não necessita de auxílio algum de uma ciência da lógica. Além do mais, segundo a posição defendida neste tratado, a verdade lógica está baseada numa espécie de observação

a. O restante do Cap. I de "Minute Logic".

b. Não apenas este livro nunca chegou a ser completado, como também muitas das discussões propostas aqui esboçadas nunca foram iniciadas.

c. Por exemplo, Dedekind e Whitehead.

do mesmo tipo daquela sobre a qual se baseia a matemática. Por estas razões, é desejável, de imediato, examinar perfunctoriamente a natureza do procedimento dos matemáticos. Tenho motivos para estar confiante quanto ao fato de que este estudo será de ajuda para alguns daqueles que não têm uma inclinação natural para a matemática. Ao mesmo tempo, sou forçado a dizer que a matemática requer um certo vigor do pensamento, o poder de concentração da atenção de forma a manter na mente uma imagem altamente complexa, e mantê-la assim o bastante para ser observada; e apesar de um treinamento poder efetuar maravilhas em pouco tempo quanto a aumentar esse vigor, mesmo assim não se fará um pensador vigoroso a partir de uma mente fraca, ou de uma mente que tiver sido profundamente enfraquecida pela preguiça mental.

82. Há uma outra ciência normativa que tem uma conexão vital com a lógica e que, estranhamente, tem sido posta de lado por quase todos os lógicos. Refiro-me à Ética. Não é necessário ser um pensador profundo a fim de desenvolver as concepções morais mais verdadeiras; mas eu afirmo, e provarei sem contestação, que a fim de bem raciocinar, a não ser num modo meramente matemático, é absolutamente necessário possuir não apenas virtudes como as da honestidade intelectual, da sinceridade e um real amor pela verdade, mas sim as concepções morais mais altas.^a Não vou dizer que o estudo da ética é mais diretamente útil para a boa moral do que, digamos, a leitura de uma boa poesia é útil para escrever-se uma boa prosa. Mas direi que ele permite uma ajuda de todo indispensável para a compreensão da lógica. Além do mais, é um estudo sutil, do tipo que as pessoas que gostam de lógica não podem deixar de apreciar...

83. Só depois de ultrapassados estes tópicos é que será útil considerar aquela propedêutica à própria lógica, essa *Erkenntnislehre* à qual aludi. Chamo-a de *Gramática Especulativa*, a partir do título de um trabalho de Duns Scotus que visa ao mesmo objetivo.

84. Ao anunciar o que vou dizer nesta parte do livro, tenho de escolher entre uma total ininteligibilidade e uma exaustiva antecipação do que vai ser provado, mas que, aqui, só pode ser afirmado. Sem hesitação, tomo o último caminho, uma vez que as idéias estão colocadas em formas tão estranhas que uma dupla exposição ajudará o leitor. Princípio por tentar tocar a nota dominante do livro com tanta força e clareza quanto sou capaz de fazê-lo, pois esta não é apenas a nota principal mas sim a chave de toda a lógica. Tento uma análise do que aparece no mundo. Aquilo com que estamos lidando não é metafísica: é lógica, apenas. Portanto, não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossas vidas. Analiso a experiência, que é a resultante cognitiva de nossas vidas passadas, e nela encontro três elementos. Denomino-os *Categorias*^b. Pudesse eu transmiti-las ao leitor do modo tão vívido,

a. Ver o Cap. 4 de "Minute Logic" publicado no vol. 1, livro IV (sob a indicação Cap. 2) das obras de Peirce.

b. O vol. 1, livro III dos *Collected Papers* contém um estudo detalhado das categorias.

claro e racional como se me apresentam! Mas elas assim se tornarão para o leitor se este lhes dedicar suficiente atenção e meditação. Surgem numa miríade de formas das quais, com o objetivo de introduzir o leitor no assunto, tomo a primeira que se apresenta. Acontece que uma definição de experiência acabou de sair de minha caneta. Uma definição muito boa, creio: suponhamos que a tomemos como ponto de partida. Falando de um modo lacônico, a experiência é *esse in praeterito*. Lembre-se, apenas, mais uma vez e de uma vez por todas, que não pretendemos significar qual seja a natureza secreta do fato mas, simplesmente, aquilo que pensamos que ela é. Algum fato existe. Toda experiência compele o conhecimento do leitor. Qual é, então, o fato que se apresenta a você? Pergunte a si mesmo: é o passado. Um fato é um *fait accompli*; o seu *esse* está no *praeterito*. O passado compele o presente, em alguma medida, no mínimo. Se você se queixar ao Passado de que ele é errado e não razoável, ele se rirá. Ele não dá a mínima importância à Razão. Sua força é a força bruta. Desta forma, você é compelido, brutalmente compelido, a admitir que, no mundo da experiência, há um elemento que é a força bruta. Neste caso, o que é a força bruta, o que parece ser? Deveríamos encontrar pouca dificuldade para responder a isso, uma vez que estamos plenamente cômicos (ou parecemos estar, o que é tudo o que aqui nos interessa) de exercê-la nós mesmos. Pois, não importa quão boa possa ser a justificativa que temos para um ato da vontade, quando passamos para sua execução a razão não faz parte do trabalho: o que se tem é ação bruta. Não podemos fazer esforço algum onde não sentimos resistência alguma, nenhuma reação. O sentido de esforço é um sentido de dois lados, revelando ao mesmo tempo algo interior e algo exterior. Há uma binariedade na idéia de força bruta; é seu principal ingrediente. Pois a idéia de força bruta é pouco mais do que a de reação, e esta é pura binariedade. Imaginemos dois objetos que não são apenas *pensados* como sendo dois, mas dos quais algo é verdadeiro de tal forma que nenhum deles poderia ser removido sem destruir o fato que se supõe ser verdadeiro quanto ao outro. Seja, por exemplo, marido e mulher. Aqui nada há além de uma dualidade; mas isso constitui uma reação, no sentido em que o marido faz a mulher uma mulher de fato (e não apenas na forma de algum pensamento comparativo); enquanto a mulher faz do marido um marido. Uma força bruta é apenas uma complicação de binariedades. Supõe não apenas dois objetos relacionados, mas sim que, além deste estado de coisas, somando-se a este, existe um *segundo* estado subsequente. Supõe, além do mais, duas tendências, uma, de um dos relatos; tendendo a mudar a primeira relação em um sentido no segundo estado; a outra, do outro relato, tendendo a mudar a mesma relação num segundo sentido. Ambas essas mudanças de alguma forma se combinam, de tal modo que cada tendência é em algum grau seguida e em algum grau modificada. Isto é o que queremos dizer por *força*. É quase binariedade pura. A *brutalidade* consistirá na ausência de qualquer razão, regularidade ou norma que poderia tomar parte na ação como elemento terceiro ou mediador. A binariedade é uma de minhas categorias. Não a chamo de concepção, pois pode ser dada através da percepção direta anterior ao pensamento. Ela penetra cada parte de nosso mundo interior,

assim como cada parte do universo. A sensação dela torna-se semelhante à da força bruta em proporção ao desenvolvimento deste elemento de binariedade. Entre as formas mais profundas que a binariedade assume estão as das *dúvidas* que são impostas a nossas mentes. A própria palavra "dúvida", ou "dubito", é um freqüentativo de "duhíbeo" — *i.e.*, *duo habeo*, e com isto demonstra sua binariedade. Se não lutássemos contra a dúvida, não procuraríamos a verdade. A binariedade surge também na negação, e nos termos relativos comuns, mesmo na similaridade e, de um modo mais real, na identidade. Este texto^a mostrará por que a existência individual é uma concepção marcadamente dualística. Enquanto isso, é fácil ver que apenas os existentes individuais podem reagir uns contra outros.

85. Consideremos agora o que poderia surgir como existindo no instante presente se estivesse completamente separado do passado e no futuro. Só podemos adivinhar, pois nada é mais oculto do que o presente absoluto. Claramente, não poderia haver ação alguma; e sem a possibilidade de ação, falar em binariedade seria proferir palavras sem significado. Poderia haver uma espécie de consciência, ou ato de sentir, sem nenhum "eu"; e este sentir poderia ter seu tom próprio. Não obstante o que disse William James, não creio que poderia haver uma continuidade como o espaço, a qual, embora possa talvez aparecer por um instante numa mente bem educada, não me seja possível pensar que pudesse fazê-lo assim se não tivesse tempo algum; e sem continuidade, as partes desse ato de sentir não poderiam ser sintetizadas e, portanto, não haveria partes reconhecíveis. Não poderia nem mesmo haver um grau de nitidez desse sentir, pois tal grau é o montante comparativo de distúrbio da consciência geral por um sentimento^b. De qualquer forma, esta será nossa hipótese, e não tem nenhuma importância que ela seja ou não psicologicamente verdadeira. O mundo seria reduzido a uma qualidade de sentimento não analisado. Haveria, aqui, uma total ausência de binariedade. Não posso chamá-la de unidade, pois mesmo a unidade supõe a pluralidade. Posso denominar sua forma de Primeiridade, Oriência ou Originalidade. Seria algo que é *aquilo que é sem referência a qualquer outra coisa* dentro dele, ou fora dele, independentemente de toda força e de toda razão. Ora, o mundo está cheio deste elemento de Originalidade irresponsável, livre. Por que a parte central do espectro deve parecer verde e não violeta? Não há razão concebível para isso, nem existe, aí, qualquer compulsão. Por que nasci eu na Terra, no século XIX e não em Marte há mil anos atrás? Por que espirrei hoje exatamente cinco horas, quarenta e três minutos e vinte e um segundos depois que um certo homem na China assobiou (supondo-se que isto realmente aconteceu)? Sabemos, talvez, porque um meteorito cairia na Terra, se entrasse em seu caminho; mas, qual a razão para os arranjos da natureza estarem feitos de tal modo que este meteorito em particular se achasse no caminho da Terra? Todos estes são fatos que são o que são.

a. Cf. 3.93; 3.611; 6.6

b. Cf. 1.322.

simplesmente porque acontece que são assim. Na maior parte das vezes, negligenciamos tais fatos; mas há casos, como nas qualidades do sentir, autoconsciência, etc., nos quais esses lampejos isolados vêm para o primeiro plano. A Originalidade, ou Primeiridade, é outra de minhas categorias.

86. Consideremos agora o ser *in futuro*. Tal como nos outros casos, isto é meramente uma avenida que leva a uma apreensão mais pura do elemento que ela contém. Uma concepção absolutamente pura de uma Categoria está fora de questão. O ser *in futuro* aparece em formas mentais, intenções e expectativas. A memória fornece-nos um conhecimento do passado através de uma espécie de força bruta, uma ação bem binária, sem nenhum raciocinar. Mas, todo nosso conhecimento do futuro é obtido através de alguma outra coisa. Dizer que o futuro não influencia o presente constitui doutrina insustentável. Equivale a dizer que não existem causas finais, ou fins. O mundo orgânico está cheio de refutações dessa posição. Uma tal ação (por causação final) constitui a evolução. Mas é verdade que o futuro não influencia o presente do modo direto, dualístico pelo qual o passado influencia o presente. Requer-se um instrumental, um meio. Todavia, qual pode ser esse instrumental, de que tipo? Pode o futuro afetar o passado através de um instrumental qualquer que, novamente, não envolve alguma ação do futuro sobre o passado? Todo nosso conhecimento das leis da natureza é análogo ao conhecimento do futuro, na medida em que não há nenhum modo direto pelo qual as leis tornam-se por nós conhecidas. Procedemos, aqui, por experimentação. Isto é, adivinhamos quais sejam as leis pedaço por pedaço. Perguntamos: E se variássemos um pouco nosso procedimento? O resultado seria o mesmo? Tentamos fazê-lo. Se estamos no caminho errado, uma negativa enfática é logo colocada sobre a conjetura inicial, e desta forma nossas concepções tornam-se, gradualmente, cada vez mais corretas. Os melhoramentos em nossas invenções são feitos do mesmo modo. A teoria da seleção natural é que a natureza procede, por meio de uma experimentação similar, a adaptação precisa de um conjunto de animais e plantas ao meio e à manutenção desse conjunto em adaptação a esse meio que lentamente se transforma. Mas, todo procedimento desse tipo, quer seja o da mente humana ou o das espécies orgânicas, pressupõe que os efeitos se seguirão às causas com base num princípio com o qual as conjeturas não de ter algum grau de analogia, e num princípio que não mude depressa demais. No caso da seleção natural, se for necessário uma dúzia de gerações para adaptar suficientemente um conjunto a uma dada mudança do meio, esta mudança não deve ocorrer mais rapidamente, caso contrário esse conjunto será extirpado ao invés de ser adaptado. Não constitui uma questão fácil saber como é que um conjunto num certo grau de desajustamento com seu meio ambiente começa, imediatamente, a sofrer uma mutação, e isto não de um modo desordenado mas sim de uma forma que guarda alguma espécie de relação com a mudança necessária. Ainda mais notável é o fato de que um homem a quem se propõe um problema científico imediatamente se põe a levantar conjeturas que não estão tão absurdamente afastadas da conjetura verdadeira. O físico que observa um estranho fenômeno em seu laboratório, por exemplo,

não principia por se perguntar se o aspecto particular dos planetas naquele momento teve algo a ver com o caso — tal como Ernst Mach^a praticamente supõe serem as estrelas fixas que mantêm um corpo em movimento numa linha reta a uma velocidade uniforme — ele procura alguma circunstância próxima, à mão, que possa explicá-lo. Como é que se pode explicar este acentuado, embora excessivamente imperfeito, poder adivinhatório de fazer suposições corretas por parte do homem e por parte das espécies orgânicas? Apresentam-se apenas duas alternativas. Por um lado, podemos dizer que existe um poder direto da Razão para saber como a Razão irá agir; e que a Natureza é governada por um Poder Razoável. Por outro lado, podemos dizer que a tendência para fazer suposições quase certas é, em si mesma, o resultado de um procedimento experimental similar. Isto envolve uma dificuldade profundamente interessante (que não é um mero tropeço com um *regressus ad infinitum*) que será abordada antes do fim deste volume. Quanto às outras hipóteses, elas só me dizem respeito no sentido em que devo dizer que, assim como aqueles povos que acreditam em profetas procuram esse dom especialmente entre os insanos, da mesma forma o poder aqui suposto seria igualmente diferente da operação de raciocinar. Consideremos o raciocínio experimental, por exemplo. Temos, aqui, uma paridade entre os experimentos e os resultados dos experimentos, e que consiste no fato de os resultados seguirem os experimentos de acordo com uma hipótese prévia; e a natureza desta paridade é tal que eles não poderiam ter existido se uma terceira coisa, a predição, não houvesse sido feita. Assim como uma paridade real consiste em um fato ser verdadeiro quanto a A o qual seria absurdo se B ali não estivesse, da mesma maneira, agora nos deparamos com uma Triplicidade Racional que consiste em A e B formarem realmente um par por força de um terceiro objeto, C. Digo a meu cão que suba e me traga meu livro, o que ele faz. Eis um fato a respeito de três coisas, eu mesmo, o cão e o livro, que não é uma simples soma de fatos relacionados com pares, nem mesmo uma comparação de tais pares. Falo ao cachorro. Menciono o livro. Faço essas coisas juntas. O cão traz o livro. Ele o faz em consequência do que eu fiz. Esta não é toda a história. Eu não apenas falei simultaneamente ao cão e mencionei o livro como também mencionei o livro ao cão; isto é, fiz com que ele pensasse no livro e o trouxesse. Minha relação com o livro foi que pronunciei certos sons que foram compreendidos pelo cão como tendo referência com o livro. O que fiz com o cão, além de excitar seu nervo auditivo, foi, simplesmente, induzi-lo a trazer-me o livro. A relação do cão com o livro foi mais manifestamente dualística; todavia, a significação e a intenção total do seu ato de trazer o livro foi a de obedecer-me. Em toda a ação governada pela razão será encontrada uma triplicidade genuína desse tipo, enquanto que entre pares de partículas ocorrem apenas ações puramente mecânicas. Um homem dá um broche a sua mulher. A parte meramente mecânica deste ato consiste em o homem entregar o broche ao mesmo tempo em que emite certos sons, e consiste também em ser o broche pego pela mulher. Não há, aqui, uma triplicidade genuína; mas também não há a dação. A dação consiste em concordar o homem em que um

a. Ver, por exemplo, *Die Mechanik*, cap. II, vi, 6 e 9.

certo princípio intelectual governará as relações do broche com sua mulher. O mercador das *Mil e Uma Noites* jogou fora um caroço de tâmara que feriu o olho de um demônio. Este ato foi puramente mecânico, e não houve uma triplicidade genuína. O ato de jogar e o de ferir foram independentes um do outro. Mas, se ele houvesse feito mira no olho do demônio, teria havido algo mais do que o simples jogar de caroço. Teria havido uma genuína triplicidade, com o caroço não sendo simplesmente jogado, mas sim jogado no olho. Aqui teria intervindo a *intenção*, a ação da mente. A triplicidade intelectual, ou Mediação, é minha terceira categoria.

87. Não há uma quarta categoria, como se provará^a. Esta lista de categorias pode ser distinguida de outras listas como sendo as *Categorias Ceno-Pitagóricas*, em virtude de sua conexão com os números. Concordam, substancialmente, com os três momentos de Hegel. Pudessem elas ser atribuídas a qualquer pensador da história e isso seria quase suficiente para refutar seus reclamos de primeiros no assunto. Ocorreu-me que talvez Pitágoras as tivesse trazido da Média ou de Ária, mas um exame cuidadoso convenceu-me de que, entre os pitagóricos, não havia a menor abordagem de nada semelhante a estas categorias.

88. É desejável que haja termos técnicos para as categorias. Deveriam ser expressivos e não passíveis de serem usados em sentidos especiais na filosofia. A simplicidade e a universalidade das categorias tornam as designações metafóricas quase impossíveis, uma vez que um termo assim, se fosse apropriado, conteria a própria categoria. Não pode haver *semelhança* alguma com uma categoria. Um nome metafórico provavelmente conteria a categoria em sua primeira sílaba, e o resto da palavra seria apenas estofado. Portanto, prefiro tomar emprestado uma palavra, ou melhor, compor uma palavra, a qual, etimologicamente, se for possível, mas por similaridade com palavras familiares, indispensavelmente, há de sugerir um certo número de formas nas quais a categoria é proeminente. Proponho submeter à prova os seguintes termos:

89. *Originalidade* é ser tal como aquele ser é, independentemente de qualquer outra coisa.

Obsistência (sugerindo *obviar*, *objeto*, *obstinado*, *obstáculo*, *insistência*, *resistência*, etc.) é aquilo no que a secundidade difere da primeiridade; ou é aquele elemento que, tomado em conexão com a Originalidade, faz de uma coisa aquilo que uma outra a obriga a ser.

Transuasão (sugerindo *translação*, *transação*, *transusão*, *transcendental*, etc.) é mediação, ou a modificação da primeiridade e da secundidade pela terceiridade, tomada à parte da secundidade e da primeiridade; ou, é ser enquanto cria Obsistência.

90. Embora a Originalidade seja a mais primitiva, simples e original das categorias, não é a mais óbvia e familiar. Até aqui, consideramos as categorias sob seu aspecto original. Passamos agora a um estudo mais fácil de suas formas obsistenciais.

91. No aspecto Obsistencial, a Originalidade apresenta-se como uma Qualidade, que é algo que é tal como é, e que está de tal modo livre da Obsistência que não é nem mesmo auto-idêntico, ou individual. Duas Qualidades semelhantes, como o são todas as

a. Ver, por ex., 1.298, 1.347.

Qualidades, são, até aqui, a mesma Qualidade. A Obsistência apresenta-se como uma relação, que é um fato referente a um conjunto de objetos, os Relatos. Uma relação é *Genuína* ou *Degenerada*. Uma Relação Degenerada é um fato concernente a um conjunto de objetos que consiste meramente num aspecto parcial do fato de cada um dos Relatos ter sua Qualidade. E uma Relação de Qualidades; tal como A é maior do que B. Seus relatos podem ser qualidades ou objetos dotados de qualidades. Pode ser uma Similaridade, que é uma forma mais Degenerada, ou uma Diferença, que é uma forma menos Degenerada, ou pode ser uma mistura. Uma Relação Genuína é aquela que não está necessariamente envolvida no fato de seus Relatos terem quaisquer Qualidades independentes uma das outras. Cada relato é necessariamente individual, ou auto-idêntico. Serão feitas várias outras divisões das relações, e serão especialmente consideradas a natureza da identidade, da outriedade, da coexistência e da impossibilidade^a.

92. A transuasão em seu aspecto obsistente, ou *Mediação*, como se mostrará, está sujeita a dois graus de degenerescência. A mediação genuína é o caráter de um *Signo*. Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum*. Se a série é interrompida, o *Signo*, por enquanto, não corresponde ao caráter significante perfeito. Não é necessário que o Interpretante realmente exista. É suficiente um ser *in futuro*. Os Signos têm dois graus de Degenerescência. Um *Signo* degenerado no menor grau é um *Signo* Obsistente, ou *Índice*, que é um *Signo* cuja significação de seu Objeto se deve ao fato de ter ele uma Relação genuína com aquele Objeto, sem se levar em consideração o Interpretante. É o caso, por exemplo, da exclamação "Eh!" como *indicativa* de perigo iminente, ou uma batida na porta como *indicativa* de uma visita. Um *Signo* degenerado no maior grau é um *Signo* Originaliano, ou *Ícone*, que é um *Signo* cuja virtude significante se deve apenas à sua Qualidade. É o caso, por exemplo, das suposições de como agiria eu sob determinadas circunstâncias, enquanto me mostram como um outro homem provavelmente agiria. Dizemos que um retrato de uma pessoa que não vimos é *convincente*. Na medida em que, apenas com base no que vejo nele, sou levado a formar uma idéia da pessoa que ele representa, o retrato é um *Ícone*. Mas, de fato, não é um *Ícone* puro, porque eu sou grandemente influenciado pelo fato de saber que ele é um *efeito*, através do artista, causado pelo aspecto do original, e está, assim, numa genuína relação Obsistente com aquele original. Além do mais, sei que os retratos têm apenas a mais leve das semelhanças com o original, a não ser sob certos aspectos convencionais e segundo uma escala convencional de valores, etc. Um *Signo* Genuíno é um *Signo* Transuasional, ou *Símbolo*, que é um signo cuja virtude significante se deve a um

a. Ver, por ex., *Nomenclature and Divisions of Dyadic Relations*, ensaio XVIII, vol. 3 dos *Collected Papers* quanto a um tratamento mais extenso das *Dia-*des.

caráter que só pode ser compreendido com a ajuda de seu Interpretante. Toda emissão de um discurso é exemplo disto. Se os sons foram, originalmente, em parte icônicos, em parte indiciais, esses caracteres há muito tempo perderam sua importância. As palavras apenas representam os objetos que representam, e significam as qualidades que significam, porque vão determinar, na mente do ouvinte, signos correspondentes. A importância das divisões acima, embora sejam novas, tem sido reconhecida por todos os lógicos que as avaliaram seriamente...

93. A lógica é a ciência das leis necessárias gerais dos Signos e, especialmente, dos Símbolos. Como tal, tem três departamentos. Lógica obsistente, lógica em sentido estrito, ou *Lógica Crítica*, é a teoria das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos seus Objetos manifestos, ou seja, é a teoria das condições da verdade. Lógica Originaliana, ou *Gramática Especulativa*, é a doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que têm o caráter significante. É deste departamento da lógica geral que nos estamos agora ocupando. Lógica Transuasional, que denomino de *Retórica Especulativa* é, substancialmente, aquilo que é conhecido pelo nome de metodologia ou, melhor, *metodêutica*. É a doutrina das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos Interpretantes que pretendem determinar...

94. Em consequência do fato de todo signo determinar um Interpretante, que também é um signo, temos signos justapondo-se a signos. A consequência deste fato, por sua vez, é que um signo pode, em seu exterior imediato, pertencer a uma das três classes, mas pode também determinar um signo de outra classe. Contudo, isto, por sua vez, determina um signo cujo caráter precisa ser considerado. Este assunto precisa ser cuidadosamente considerado, e deve-se estabelecer uma ordem nas relações dos estratos de signos, se me é lícito assim chamá-los, antes que se possa tornar claro o que se segue.